

# GEOGRAFIA: Ambiente, Educação e Sociedades GeoAmbES



# ARTIGO

## OS ESTUDANTES CARAS-PINTADAS

*Your painted-face students*

*Los estudiantes con la cara pintada*

**Márcia Rodrigues Gonçalves**

Doutora em Letras (UFRGS)

Mestre em Linguística (PUCRS)

Técnica em Assuntos Educacionais (Faculdade de Educação – UFRGS).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8340-0971>

Como citar este artigo:

GONÇALVES, Márcia Rodrigues. Os estudantes cara-pintadas. **GEOGRAFIA: ambiente, educação e sociedades – GeoAmbES**, jan./jun. v. 3, n. 1, p. 93-107, 2023.

Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/geoambes/index>

## OS ESTUDANTES CARAS-PINTADAS

*Your painted-face students*

*Los estudiantes con la cara pintada*

### Resumo

Este estudo tem por objetivo verificar se e como foi publicada uma notícia acerca de uma manifestação estudantil ocorrida na Capital gaúcha, no dia 26/06/2008. Para alcançar essa meta, fez-se necessária a leitura de três periódicos diários que circulam em nível regional. Nessa medida, há referências neste estudo a algumas teorias do Jornalismo e a forma como são ou podem ser publicados os acontecimentos. Este trabalho, portanto, tenta fazer um recorte de o porquê as notícias são como são e os efeitos que geram, visto que, não obstante as restrições e críticas de que o Jornalismo tem sido alvo, continuam alguns falsos paradigmas em relação à seleção de notícias e de que forma são divulgadas.

**Palavras-chave:** Notícia. Teorias do Jornalismo. Linguagem.

### Abstract

This study aims to verify whether and how news was published about a student demonstration that took place in the capital of Rio Grande do Sul, on 06/26/2008. To achieve this goal, it was necessary to read three daily periodicals that circulate at the regional level. To this extent, there are references in this study to some theories of Journalism and the way in which events are or can be published. This work, therefore, attempts to outline why the news is the way it is and the effects it generates, given that, despite the restrictions and criticisms that Journalism has been subject to, some false paradigms remain in relation to the selection of news. and how they are disclosed.

**Keywords:** News. Theorys of Journalism. Language.

### Resumen

Este estudio tiene como objetivo verificar si y cómo se publicó noticia sobre una manifestación estudiantil que tuvo lugar en la capital de Rio Grande do Sul, el día 26/06/2008. Para lograr este objetivo fue necesario leer tres periódicos diarios que circulan a nivel regional. En esta medida, existen referencias en este estudio a algunas teorías del Periodismo y la forma en que se publican o pueden publicarse los acontecimientos. Este trabajo, por tanto, intenta esbozar por qué las noticias son como son y los efectos que generan, dado que, a pesar de las restricciones y críticas a las que ha sido sometido el Periodismo, persisten algunos falsos paradigmas en relación con la selección de las noticias. cómo se divulgan.

**Palabras clave:** Noticias. Teorías del Periodismo. Idioma.



**Márcia Rodrigues Gonçalves**

## Introdução

*A função do discurso é conduzir almas. Só quem souber a natureza da alma saberá falar e escrever (Fedro, Platão).*

O homem tem-se preocupado, desde sempre, com a comunicação humana. Curiosos, estudiosos, filósofos tentam, de uma forma ou de outra, entender como se dá a transmissão de mensagens por meio da linguagem. Essa afirmação se confirma pelas recorrentes viagens em busca da origem dos questionamentos acerca da linguagem, que pontuam de quando em quando a evolução do pensamento linguístico.

Desde o início dos tempos, os seres animados de alguma forma se comunicam por meio de códigos, que permanecem objeto de estudos e conjeturas de como o fizeram os primeiros “homens”, ou ainda seus ancestrais. As manifestações da escrita rupestre resistem ainda como testemunho de uma humanidade que tem evoluído constantemente através dos milênios e atestam a existência, desde sempre, de códigos compartilhados de entendimento.

Quando surgiu a comunicação verbal é uma incógnita. De toda sorte, admite-se que a fala precedeu o registro escrito, pelo menos como o entendemos hoje. Presume-se, igualmente, ter havido um código verbal primeiro, do qual os demais surgiram, entretanto não se sabe se esse fato ocorreu simultaneamente com vários povos e/ou em regiões diversas. Acredita-se que uma língua ancestral comum foi falada em um período antes do final do Neolítico, em espaços hoje ocupados pela Europa e pela Ásia Ocidental, e que deve ter sido a base para o sânscrito e o grego – devido às semelhanças observadas na reconstrução dessas línguas. O que parece certo, entretanto, é que desde muito cedo o homem serviu-se desse código para manifestar seus pensamentos e sentimentos, e, com o tempo, começou a interessar-se por entender, conhecer e descrever seu modo de se comunicar verbalmente.

Seja como for, acredita-se que o surgimento da escrita tenha relação direta com a religiosidade, ou seja, com a necessidade de perpetuar valores e crenças. Os egípcios, por exemplo, ao utilizarem hieróglifos – literalmente “sinais divinos” – confirmam essa asserção. As primeiras manifestações escritas, portanto, foram reservadas aos

**Márcia Rodrigues Gonçalves**

privilegiados, aos iniciados, aos sacerdotes e à aristocracia, característica que, com mais ou menos intensidade, tem marcado a História.

Avançando no tempo, embora sem fazer todas as paradas do percurso devido às delimitações do presente estudo, chegamos à Grécia Antiga, constatando aí que a escrita surgiu por influência dos fenícios e já no século VIII a.C. se achava desprovida de preocupações esotéricas e religiosas. Afirmam Aranha e Martins (1993, p.96), referindo-se a essa fase:

Enquanto rituais religiosos são cheios de fórmulas mágicas, termos fixos e inquestionados, os escritos deixam de ser reservados apenas aos que detêm o poder e passam a ser divulgados em praça pública, sujeitos à discussão e à crítica.

Um fato extremamente importante, ocorrido durante o período clássico da história grega, que democratizou a escrita ática foi, sem dúvida, o surgimento da classe dos “comerciantes enriquecidos” – frutos do desenvolvimento das relações comerciais e, conseqüentemente, das pólis. A fim de se defender da arraigada aristocracia, com poder absoluto, os “novos ricos” necessitavam estudar, fixar e registrar normas com o intuito de coibir desmandos autoritários. Neste contexto, surgiram os sofistas, preocupados com a sophia – ciência – isto é, toda espécie de conhecimentos úteis aos homens. Ensinavam a essa classe emergente, mediante pagamento, a arte de triunfar pela palavra, que compreendia a Dialética e a Retórica.

Embora não formassem propriamente uma escola, os sofistas apresentavam tendências comuns: tratavam da linguagem como forma de convencer, manipular e derrotar seus opositores, ensinando como seria possível, pelas palavras e não pelas armas, dominar o interlocutor. Utilizavam-se da Retórica – a arte do bem falar – para persuadir o ouvinte: o importante não era propriamente a veracidade dos fatos, mas sua verossimilhança. Defendiam a ideia de que a linguagem deveria apenas conduzir a si mesma, sem preocupações com a verdade, motivo pelo qual foram execrados pelos demais filósofos gregos, que os acusavam de mercenários e superficiais.

Segundo Maria Helena de Moura Neves (1987, p. 41), para os sofistas era importante:



**Márcia Rodrigues Gonçalves**

[...] distinguir minuciosamente as palavras, e assim obter de sua escolha a maior eficiência e força de persuasão; [...] examinar os poetas e verificar os efeitos mais adequados de composição e sonoridade; [...] buscar a correção e garantir à linguagem isenção dos defeitos que possam comprometer a máxima realização de seu destino, **que é convencer** (grifo nosso).

Não há textos integrais dos sofistas que possam atestar a veracidade das acusações a eles desferidas, somente fragmentos e referências – tendenciosas – feitas por filósofos contrários a seus métodos. Não se pode negar, entretanto, sua valiosa contribuição à disseminação da excelência do discurso entre aqueles que não tinham ascendência nobre.

Pode-se dizer que Platão, influenciado pelos ensinamentos de seu mestre – Sócrates – acerca da linguagem e, certamente, preocupado com a ascensão dos sofistas, posiciona-se a respeito do uso da língua. Em Crátilo, apresenta-a, pela primeira vez, como instrumento de estudo, ou seja, como meio de transformar a realidade. Há uma ênfase notória ao poder que o uso, adequado ou não, da linguagem pode exercer, isto é, como utilizá-la para rebater os ‘falsos filósofos’. Infere-se que, se conhecida e dominada, ou seja, sabendo-se como se forma, quem a opera, quem institui os nomes, pode-se manipulá-la com destreza e confiabilidade.

Na obra Sofista, Platão examinou com mais profundidade o “uso” da linguagem e da atividade dialética. Se em Crátilo, a ênfase estava no nome; no Sofista, ela estará no verbo. Há uma associação entre nome e verbo, por isso seria impossível haver discurso sobre o nada, apenas o que seja falso. Aqui, entretanto, Platão afirma que o discurso traduz o pensamento e, por conseqüência, a falsidade já existe na ‘alma’. Em Fedro, afirma que:

[...] a função essencial do discurso é conduzir almas. Só quem souber a natureza da alma saberá falar e escrever. Só quem tiver o conhecimento da natureza da alma, tiver o senso de ocasião em que se deve falar ou silenciar, de usar o estilo conciso ou comovente ou o patético etc., tornará sua fala ou sua escrita bela e perfeita.



O Jornalismo, conforme afirma Felipe Pena (2008, p. 25), tem a oralidade como protagonista do seu processo, não só com relação às fontes, como na configuração de novas tecnologias. A tarefa de passar à população as ocorrências narradas por alguém sofre até hoje a influência de quem conta o fato e de como essa situação é descrita. Não se quer dizer que o repórter seja alguém com “falsidade na alma”, como já disse Platão, mas esse profissional está envolto por um contexto histórico-sociocultural que interfere, e muito, na forma como serão perpetuados os acontecimentos. Outrossim, de acordo com a posição da empresa para a qual trabalha, deve obedecer aos padrões que esse jornal prescreve. Mostra-nos a História que aquele que detém o conhecimento da língua possui o poder de “conduzir almas”.

### **Análise de reportagem**

Os estudos relacionados às Teorias do Jornalismo partem da mesma premissa: 1) Por que as notícias são como são? 2) Quais os efeitos que essas notícias geram? Felipe Pena (2008, p. 18) nos esclarece que existem vários vetores (pessoal, cultural, ideológico, social, tecnológico e midiático) que interferem tanto na confecção da notícia quanto nos efeitos que ela poderá causar.

Em Porto Alegre, existem vários jornais de circulação diária, no entanto, para este estudo foram analisados apenas três deles<sup>1</sup>: Zero Hora, Diário Gaúcho e Correio do Povo. Para compor o corpus deste trabalho, foram lidos e analisados os exemplares dos referidos periódicos do dia 27/06/2008, sexta-feira. A preocupação inicial era saber como foram divulgadas as notícias acerca da manifestação dos estudantes estaduais gaúchos ocorrida no dia anterior, ou seja, 26/06/2008, quinta-feira. Esse protesto estudantil se deu em um momento em que o Governo do Estado, alegando falta de verba, vinha fazendo

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado à nota final da disciplina *Teorias do Jornalismo*, PPG em Comunicação Social, FAMECOS, PUCRS, em junho de 2008. Ficou guardado nos arquivos pessoais da autora. Relendo-o, hoje, o tema e a forma como foi tratado revela que apenas a data é antiga, a situação permanece: omissões, truncamentos, *fake news*, sociedade do espetáculo, violência são os temas que mais vendem e não desvelam o que se passa por detrás das cortinas políticas.

cortes substanciais para a saúde, à segurança e à educação.

O Estado do Rio Grande do Sul permanece estarrecido com as revelações feitas pelo então Sr. Secretário da Casa Civil, César Buzatto, gravadas e divulgadas pelo vice-governador Paulo Feijó (em 2008). A conversa confirmou a retirada de valores de órgãos públicos para financiar campanhas políticas. O rombo no orçamento estadual está na conta de R\$ 40 milhões de reais. O povo gaúcho, notoriamente marcado pelo seu “bairrismo” e sua alma aguerrida, acreditava que em sua terra não haveria problemas de desvios de verba em tal dimensão. A divulgação desse diálogo recrudescceu as manifestações contrárias a esse tipo de postura. Os estudantes, tentando resgatar a sua força já conhecida pela ocasião do impeachment (de Fernando Collor de Melo), resolveram se manifestar contra a governadora da ocasião (Ieda Crusius) – chefe direta do secretário que divulgou as informações – a qual sempre pediu ao povo que tivesse paciência por o Estado não ter condições financeiras para investimentos nas áreas mais essenciais.

### **Diário Gaúcho**

O jornal Diário Gaúcho não menciona qualquer nota a respeito da manifestação. As notícias de capa são: *Uma noite com sete execuções* – escrita em letras garrafais – ocorridas na noite anterior, em Porto Alegre (no bairro Rubem Berta) e em Canoas (no bairro Guajuviras), mais *A honestidade anda de táxi em Porto Alegre* (em relação ao taxista que devolveu uma bolsa contendo R\$ 1 mil) e *Segurança reforçada no clássico* (em alusão ao Gre-Nal no domingo seguinte). Dentro do periódico encontram-se os mais variados tipos de notícias, mas nenhuma que se reporte à manifestação, às revelações do senhor secretário, tampouco a cartas escritas por leitores que questionem essa postura antiética de nossos governantes.

Parece estar implícito que os leitores desse jornal não precisam dessas informações. Sabendo-se que a maior parte do público desse periódico pertence à classe menos favorecida, e o número de leitores/dia está em segundo lugar nas pesquisas, parece haver um paradoxo: a massa eleitora não é informada de que tais fatos estão acontecendo. Aqui teríamos a Teoria Organizacional, a que prescreve que “o jornalismo

é um negócio e, como tal, busca o lucro”. Segundo Felipe Pena (2008, p. 135), essa teoria prioriza as reportagens que atinjam o maior número de leitores, pois quanto maior a audiência, maiores as receitas publicitárias, ficando o drama em detrimento da informação. Ao ler o jornal inteiro, percebemos que os leitores não ficaram sabendo do protesto estudantil que bloqueou uma das avenidas mais importantes da Capital gaúcha.

Zero Hora

Figura 1 – Caras pintadas param a BR-116



Fonte: Zero Hora, 27 jun. 2008

O jornal Zero Hora traz uma notícia, no dia 27/06/2008, sexta-feira, na página 54, (Figura 1) mostrando uma foto grande (maior que a notícia) com a manchete: Caras-

pintadas param a BR-116. Em Novo Hamburgo, alunos de sete escolas estaduais mobilizaram-se e manifestaram seu repúdio diante da crise política no governo gaúcho e reivindicaram a reposição de professores e melhorias nos colégios públicos. A notícia acrescenta que os estudantes enviariam uma carta ao Palácio Piratini (sede do governo do estado do RS e, onde muitos governadores residem), criticando os escândalos envolvendo o governo.

Pelo que se leu na notícia publicada, parece que a manifestação ficou restrita aos limites do Vale dos Sinos, com a participação de apenas sete escolas. Analisando-se o primeiro período do quarto parágrafo. Mesmo conscientes dos transtornos causados pela interrupção de uma das estradas mais movimentadas do país, os estudantes não hesitaram em se amontoar no km 238 da rodovia (BR-116), encontram-se alguns implícitos. O redator da notícia usa um verbo inadequado ao substantivo “estudantes”, quando diz que eles se amontoaram. Segundo o dicionário on-line Aurélio, esse vocábulo significa: pôr em montão, acumular; ajuntar confusamente; empilhar sem ordem; expor profusamente, sem nexos; estar junto em grande quantidade e desordenadamente. Embora se possa inferir que os estudantes estavam “em grande quantidade e desordenados”, a carga semântica dessa palavra nos remete diretamente a coisas, que se amontoam, que ficam jogadas, sem maior cuidado. Não se pode atribuir a pessoas um qualificador de objetos. Deduz-se qual a ideia que o repórter passou aos leitores: um bando de crianças desordenadas atrapalhava o trânsito.

O autor inicia, esse mesmo período, com uma Oração Subordinada Adverbial Concessiva, ou seja, faz uma topicalização. Esse recurso está presente nos mais diversos gêneros textuais, de diferentes instâncias discursivas, que revela, entre outros aspectos, marcas do sujeito-produtor relacionadas ao direcionamento que se pretende dar à leitura ou à interpretação da fala. No domínio jornalístico, a topicalização está relacionada com os destinatários e com o contexto institucional, cultural, político, econômico do organismo de imprensa.

Nesse sentido, o veículo de comunicação informa a partir de um determinado ponto de vista, forma opiniões ancorado em determinadas ideologias, convence o leitor



**Márcia Rodrigues Gonçalves**

utilizando elementos chamativos (Viana, 2007). É conveniente lembrar que as Orações Concessivas servem para exprimir um fato contrário ao da oração principal, mas não suficiente para anulá-lo (Sacconi, 1995, p. 337), ou seja, a chamada do parágrafo foi o transtorno que os alunos causaram e não o motivo pelo qual estavam “amontoados”.

O jornalista termina sua reportagem dizendo que no dia 3/7 haverá um ato semelhante com início em frente ao Colégio Júlio de Castilhos, em Porto Alegre, mas não menciona que, no mesmo dia do protesto em Novo Hamburgo, estava acontecendo manifestação análoga em pleno Centro da Capital. A data da nova caminhada é sabida nas últimas linhas, em cuja posição pode-se inferir o mecanismo da pirâmide invertida que, conforme Felipe Pena (2008, p. 48), é um relato que prioriza não a seqüência cronológica dos fatos, mas a ordem decrescente dos elementos importantes, na verdade, os mais atraentes, terminando pelos de menor apelo. Cabe lembrar que, caso chegasse algum fato extraordinário, esse final de texto seria cortado, justo a parte que noticia a nova data de protestos contra o governo de Ieda Crusius.

Se fôssemos fazer um contraponto, dizendo que a notícia dos fatos ocorridos em Porto Alegre chegou atrasada e que não havia espaço na página, pela pressão do deadline, pode-se questionar o tamanho da fotografia que ilustra a reportagem, bem maior que o texto. No outro jornal analisado, Correio do Povo, é noticiado que o movimento ocorreu pela parte da manhã, nas imediações da sede do jornal Zero Hora (Av. João Pessoa e Av. Ipiranga – próximo ao Hospital Ernesto Dornelles). Estaríamos diante da Teoria newsmaking, a qual os jornalistas decidem o que é ou não notícia, diante da Teoria dos constrangimentos organizacionais – um conformismo com a política editorial da empresa, a qual não permitiria ênfase a essa notícia – ou ainda de ambas, que refletem o que e como será publicado?

### **Correio do Povo**

O jornal Correio do Povo alude ao mesmo fato – protesto dos estudantes gaúchos na manhã de quinta-feira, 26/06/2008 –, traz a mesma notícia do ocorrido em Novo Hamburgo (Figura 2), todavia menciona a quantidade, 200 alunos. Ilustra seu texto também com uma fotografia maior que a nota. Acima, com maior destaque, entretanto,

**Márcia Rodrigues Gonçalves**

tem-se a notícia de que na Capital, nas imediações da Av. João Pessoa, ocorreu uma manifestação idêntica.

O redator registrou o depoimento de um sargento da Brigada Militar dizendo que “eles estavam promovendo desordem e é nosso dever manter a ordem pública.” Não existe a versão de nenhum estudante para justificar a “desordem”. Pergunta-se o porquê de não ter sido entrevistado algum integrante do grupo de alunos, visto que, conforme explica Felipe Pena (2008, p. 59), “o processo de percepção da realidade é a parte mais importante na hora de reportar os fatos e testemunhos”. Sendo o sargento da Brigada Militar um trabalhador que prima pela ordem e segurança pública, funcionário do Executivo, foi apenas essa a visão a retratada. Novamente, passa-se a impressão de que os estudantes estavam atrapalhando o trânsito e não se manifestando por algo que está afetando a toda a população gaúcha. Parece haver aqui o que diz Felipe Pena (2008, p. 154), quando se refere à Teoria dos definidores primários:

As possíveis distorções do noticiário não seriam fruto de uma simples conspiração de profissionais da imprensa com os dirigentes da classe hegemônica, mas, na verdade, uma subordinação às opiniões das fontes que têm posições institucionalizadas. [...] Pessoas em cargos institucionais, como governadores, prefeitos, presidentes de empresas, delegados de polícia ou diplomatas funcionam como definidores primários. Eles norteiam o trabalho da imprensa em casos específicos, pois são os primeiros a serem procurados para entrevistas, por darem uma “legitimidade” ao depoimento, segundo a lógica dos jornalistas.



**Márcia Rodrigues Gonçalves**

Figura 2 – Estudantes protestam

18 ■ SEXTA-FEIRA | 27 de junho de 2008

## Ensino

ensino@correiodopovo.com.br  
Editora: Maria José Vasconcelos

# Estudantes protestam

Centenas de estudantes de Ensino Médio da Capital saíram às ruas ontem, para protestar contra a corrupção e reivindicar a qualificação das instituições de Ensino nas escolas estaduais. Durante a mobilização, os jovens tentaram bloquear a avenida João Pessoa, e um aluno foi preso por PMs do Pelotão de Operações Especiais do 9º BPM. "Eles estavam promovendo desordem e é nosso dever manter a ordem públi-

ca", justificou o sargento Moisés Furtado. Houve intenso congestionamento no trânsito naquela região. Indignados, os condutores abusaram do uso da buzina inclusive nas imediações do Hospital Ernesto Dornelles.

No final da manhã, os alunos do Colégio Inácio Montanha receberam reforço de colegas do Júlio de Castilhos e prosseguiram ao Palácio Piratini. O ato foi precedido por uma passeata pela Rua dos Andradas e pela avenida Borges de Medeiros. Muitos pintaram o rosto com tinta, nas cores que simbolizam o Estado: verde, vermelho e amarelo. Segundo o capitão Miguel Godoy, a BM agiu com rapidez e evitou que o trânsito da área central ficasse caótico. A exceção do bloqueio da manhã, nos demais momentos, os estudantes tiveram que marchar rente às calçadas.



### Alunos de escolas estaduais de NH interrompem a BR 116

Um protesto envolvendo cerca de 200 jovens ligados à União de Estudantes de Novo Hamburgo interrompeu ontem, por 30 minutos, o trânsito na BR 116 (sentido Interior-Capital). A manifestação, que criticou a política estadual e pediu qualidade no Ensino, causou mais de 2 km de congestionamentos. A Polícia Rodoviária Federal garantiu o apoio técnico.



Na Capital, jovens do Ensino Médio foram às ruas

Fonte: Correio do Povo, 27 jun. 2008

Pelo que foi publicado em o Correio do Povo, percebe-se que a quantidade de pessoas foi expressiva e causou transtornos ao fluxo de veículos que circulavam pelas imediações. Ressaltou, no entanto, que “[...] indignados, os condutores abusaram do uso da buzina [...], mostrando o descontentamento da população com o protesto”. Novamente é reforçada a ideia de incômodo causado aos motoristas e isso está marcado com nova topicalização: o adjetivo “indignados” foi trazido para o início do período. Essa movimentação de alunos seguiu pelas ruas da cidade em direção ao Palácio Piratini com outro dado relevante, a quantidade de pessoas – centenas –, um número que pode ser 100 até 999, ou seja, foi relativizado o total de participantes. Observa-se que, nessa notícia, não há menção de que haveria outro movimento no dia 03/07, tempo suficiente

104

Márcia Rodrigues Gonçalves

para serem articuladas novas adesões de, quem sabe, novas categorias.

### **Considerações finais**

Desde os primeiros estudos acerca da linguagem humana e suas possibilidades de uso, ela tem sido utilizada para fins de poder (religião e governo). Os gregos destituíram a religião de seus estudos, entretanto ressaltaram que o domínio do idioma pode aliciar adeptos e combater oponentes. Aristóteles já dizia que o filósofo deveria buscar a verdade acima de tudo e não usar a linguagem para fins lucrativos. Refere-se às competências comunicativas da linguagem, cujos resultados seriam conclusões persuasíveis. Aristóteles esclarece que o propósito do texto é o leitor, ou seja, o quê e como se fala tem o objetivo de atingi-lo. Desse modo, o intuito do retórico é persuadir seu auditório e, para tanto, pode utilizar-se de todos os meios possíveis. Além de pôr em evidência o valor de sua tese, que pode ser real ou aparente, procura conquistar a confiança dos ouvintes apelando à sua emotividade; logo, não se utiliza somente de meios racionais em seus discursos. Não basta possuir um tema apaixonante se não estiver sustentado por um vocabulário adequado, e o contrário também se faz verdadeiro. Refere também à clareza, sugerindo que o estilo deve se adequar ao leitor/ouvinte, convir ao assunto e usar termos precisos.

Ao analisar três jornais diários de grande circulação que, juntos, contemplam a maior quantidade de leitores do Estado, percebem-se diferenças e semelhanças importantes. Zero Hora e Diário Gaúcho, ambos pertencentes à mesma empresa, não divulgam a notícia de que estudantes em Porto Alegre se reuniram para protestar acerca de fatos que escandalizaram a política local. Ao mesmo tempo, ao chegar ao final dessa análise, conclui-se que é necessário ler não apenas um jornal diário, mas dois ou mais para se ter as diferentes versões dos fatos que acontecem no dia a dia, visto que as notícias se diferenciam. Outrossim, um leitor que não possui tempo e/ou não tem o domínio suficiente do idioma não consegue perceber alguns procedimentos velados de conduzir o discurso.

O jornal Diário Gaúcho preocupou-se em enfatizar os crimes ocorridos na noite anterior e as informações acerca do próximo clássico futebolístico. A falta de investimento

em educação, saúde e segurança é o que justamente ocasiona esses desastros publicados. Se o dinheiro, que o Governo diz não ter, não fosse desviado, haveria maior infraestrutura familiar e social e certamente as notícias teriam outro tom. Enquanto os estudantes permaneceram apenas atrapalhando o trânsito, promovendo a desordem, conforme menciona o militar entrevistado, estaremos fabricando matéria-prima para essas notícias.

Com todo o avanço tecnológico e a profusão da cultura e da informação, o Homem persiste em se comportar como sempre fez: dominando seus pares quando tem o poder. No caso em questão, o poder de não alardear, de não esclarecer e de não construir uma sociedade melhor. Camuflar o que está ocorrendo contribui para que a *política do pão e circo* se mantenha ao longo dos séculos, mas com matizes diferentes: antes, gladiadores e mortes nas arenas; hoje, futebol e assassinatos sumários.

## Referências

ARANHA, Maria Lúcia, MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando**: uma introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 1993.

ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1982.

GONÇALVES, Márcia R. **De Saussure a Ducrot**: um percurso estruturalista. 2003. 105 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre, RS, 2003.

NEVES, Maria Helena de Souza. **A vertente grega na gramática tradicional**. São Paulo: Hucitec, 1987.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

SACCONI, Luiz Antônio. **Nossa gramática**: teoria e prática. São Paulo: Atual, 1995.

VIANA, Priscila L. Análise de algumas ocorrências de tópicos em vários gêneros de Língua Portuguesa. **Travessias**. n. 2. Disponível em: <[www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed\\_002/linguagem/analisedealgumas.pdf](http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed_002/linguagem/analisedealgumas.pdf)>. Acesso em: 07 jul. 2008.

Recebido: 25/05/2023/

Aprovado: 28/06/2023/

Publicado: 31/12/2023



**Márcia Rodrigues Gonçalves**